

Os Avieiros: Lobos do Tejo



Julieta Castelo interpretando *Maria Loba* no filme “Um Homem do Ribatejo”

“É a primeira vez que os ribatejanos vêm um campino casar com uma rapariga da família dos pescadores. Apesar de não ser costume não é de estranhar, gostaram um do outro...” (trecho do discurso do lavrador, padrinho de casamento de Manuel e Maria Loba, na boda por si oferecida em “Um Homem do Ribatejo”)

“A família dos pescadores” como lhe chama o fidalgo é tão só a comunidade avieira, descendentes de pescadores oriundos da praia de Vieira de Leiria que para fugir aos rigorosos invernos dessa costa se instalavam nas margens, supostamente tranquilas, do Tejo e Sado.

O movimento migratório iniciou-se em finais do séc. XIX e cessou nos anos 20 do séc. XX, a par do movimento migratório para o Brasil.¹

Famílias inteiras dormiam, trabalhavam e viviam nos barcos, que eram simultaneamente oficina, cozinha e quarto protegidos da chuva por uma cobertura de lona. Nestes seis ou sete metros de comprimento por metro e meio de largura viviam uma boa parte do ano. Findo o Inverno voltavam à praia da Vieira.

Cansados das dispendiosas idas e vindas começaram por construir pequenas casas de canas (de onde deriva o nome da aldeia de Caneiras) e foram-se fixando em pequenos povoados. Substituíram as canas por madeira, único material permitido pela Capitania do Porto de Lisboa, que iam comprando à medida que juntavam dinheiro. As casas, assentes em pilares para resistirem às cheias do rio, eram pintadas com cores garridas, replicando as da praia da Vieira.

¹ Consultámos o registo de passaportes concedidos pelo Governo Civil de Leiria entre 1883 e 1885 e não encontramos nenhum passaporte concedido a indivíduos de Vieira de Leiria e bastantes concedidos a naturais da Pederneira, Famalicão e Salir do Porto entre outras comunidades piscatórias do distrito. O que evidentemente não prova não ter havido emigração para o Brasil em Vieira de Leiria.

A comunidade foi imortalizada pelo romance de Alves Redol -*Avieiros* (1942), obra emblemática do neorrealismo português. Redol chamou-lhes os “Ciganos do Tejo”, o que por vezes é tomado como um insulto pela comunidade ainda existente. Redol talvez os tenha assim nomeado por terem as duas comunidades em comum o nomadismo não só por se deslocarem de Vieira de Leiria para as margens do Tejo e Sado, como por se deslocarem entre as várias aldeias ribeirinhas: Patacão (Alpiarça), Lezirão (Azambuja), Palhota (Cartaxo), Arripiado (Chamusca), Escaroupim (Salvaterra de Magos), Caneiras (Santarém)..., e ainda pelo facto de serem ambas comunidades extremamente fechadas.

Casamentos entre pescadoras e campinos eram muito improváveis, veja-se algumas quadras do “Cancioneiro do Ribatejo”:

PESCADORES VS CAMPINOS

Andas tola, andas vaidosa
por namorar um varino;
também eu ando vaidosa
por namorar um campino.
Vila Franca de Xira

PESCADORES

Vale mais um homem do mar
co'as mãos sujas d'alcatrão;
que valem trinta da terra
com as enxadas na mão.
Alcochete

Anda lá rapaz do mar,
ao leme dessa fragata;
manda lá o terreneo
p'ra vinha sachar batata.
Alcochete

O meu amor é do mar,
é do mar e é varino,
e se não fosse do mar,
era do campo e campino.
Alhandra

Eu não quero ir ao campo
que lá faz muito calor;
eu não quero ser campina
que o meu bem é pescador.
Palhota

Eu hei de ir ao Alegrete
namorar uma varinha,
por que são flores viçosas,

não se encontram na campina.
Vila Franca de Xira

CAMPINOS

Homens do mar não são homens,
varinos homens não são;
onde chegam valadores,
abre a terra, treme o chão.
Vila Franca de Xira

As mulheres desempenhavam um papel importantíssimo trabalhando arduamente, lado a lado com o seu companheiro, dividindo o seu tempo entre a pesca, normalmente remavam enquanto os homens lançavam as redes, o cuidado com os filhos e a venda do peixe.

Em finais do séc. XIX encontramos uma comunidade nas Omnias (Marvila, Santarém), cujo assento de batismo publicamos (A.º n.º1/1884, Marvila, Santarém).

O apelido Lobo(a) é comum nas várias aldeias não tendo escapado também a Alves Redol que assim apelida uma das personagens. Ti Lobo era o ancião que ainda se lembrava do mar da Vieira, “o mar mais bravo que em nenhuma praia do mundo”, e que representava “a saudade dos marinheiros que só estão bem onde não estão”.

No filme “Um Homem do Ribatejo” a mulher avieira, *Maria Loba*, foi representada pela atriz Julieta Castelo (Viana do Castelo, 1914-Lisboa, 1996). Para além de “Um Homem do Ribatejo” participou ainda, encarnando a mesma personagem, no filme “Ribatejo”, também de Henrique Campos e nos filmes:

1943 - *Ave de Arribação*

1945 - *Um Homem às Direitas*

(Maria Manuela)

1946 - *Camões*

(Infanta D. Maria)

1946 - *Um Homem do Ribatejo*

(Maria Loba, mulher de Manuel)

1947 - *Rainha Santa*

(*Doña María Ximénez*)

1949 - *Ribatejo*

(*Maria Loba, mãe de António*)

1953 - *Chaimite*

(Maria Manuela)

1966 - Gil Vicente e o Seu Teatro (curta metragem)

1969 - A Cruz de Ferro

1969 - O Diabo era outro

1974 - Derrapagem

Leonor Lopes/ dez. 2016

Fontes de informação:

Julieta Castelo In <http://www.cinept.ubi.pt/pt/pessoa/2143690288/Julieta+Castelo>
acedido em 19 de dez. 2016

Julieta Castelo In <http://www.imdb.com/name/nm0144882/> acessido em 19 de dez.
de 2016

Avieiros: história e preservação da memória

In <http://www.arcadedarwin.com/2014/08/29/avieiros-historia-e-preservacao-da-memoria/>
acedido em 19 mai. 2016

Cancioneiro do Ribatejo . Alves Redol (org. pref.). [s.l.]: Centro Bibliográfico, 1950

Avieiros. Alves Redol. 3.^a ed. [s.l.]: Inquérito, 1945

Mulheres Avieiras: Porta-vozes das memórias de um povo. Maria de Lurdes Véstia.
Santarém: Instituto Politécnico/ Escola Superior de Educação. Dissertação
apresentada para obtenção do grau de Mestre na área de Educação Social e
Intervenção Comunitária